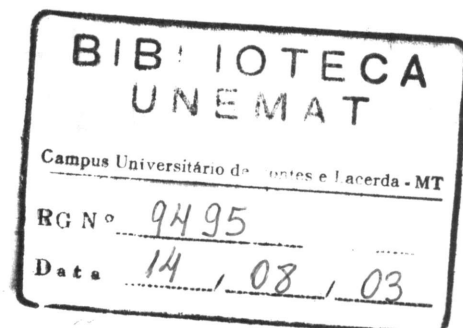


ESTADO DE MATO GROSSO
SECRETARIA DE CIÊNCIAS, TECNOLOGIA E
EDUCAÇÃO SUPERIOR DO ESTADO
UNIVERSIDADE DO ESTADO DE MATO GROSSO
CAMPUS UNIVERSITÁRIO DE PONTES E LACERDA

AVALIAR É REFLETIR SOBRE O ENSINO



PONTES E LACERDA - MT, JANEIRO DE 2003

SUENY FERREIRA BARROS

AVALIAR É REFLETIR SOBRE O ENSINO

Ensaio Monográfico apresentado à
UNEMAT/ Campus de Pontes e Lacerda
como requisito final para a obtenção do
grau de Licenciada em Letras.

Orientadora: Carmem Zirr

PONTES E LACERDA - MT, JANEIRO DE 2003

Dedico este trabalho a duas professoras muito especiais que acreditaram na minha capacidade e incentivaram-me a chegar até aqui, Cleunice Maria Andrade e Tereza Pazos da Silva, e também a meu esposo e filhos, pelo apoio, incentivo e paciência nesta caminhada.

Quero aqui deixar meus agradecimentos,
Aos meus pais, que me encaminharam na
vida escolar;

A meu esposo e filhos, que sempre estiveram ao
meu lado nos momentos de angústia, apoiando e
incentivando-me a continuar em frente;

A todos os meus familiares, que mesmo de
longe torciam por mim;

A todos os professores e funcionários da
UNEMAT, que foram muito importantes
nesta caminhada;

Aos colegas de turma, que me ajudaram muito
nestes quatro anos. Durante esse período quantas
vezes eu fraquejei, mas eles estavam sempre ali,
dando-me força para seguir em frente.

Agradecimentos especiais à minha
orientadora, Prof^a Carmem Zirr, pela
dedicação, espontaneidade e disposição de
ajudar-me neste trabalho.

Avaliação não é / deve ser sinônimo de punição ou coação.

Avaliação não é / deve ser moeda de barganha.

Avaliação não é / deve ser produto.

Avaliação não é / deve ser unilateral.

Avaliação não é / deve ser submeter o aluno à cama de Procusto.

(Apliemt, p. 05)

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO	07
QUADRO TEÓRICO	08
DADOS E PROCEDIMENTOS.....	14
APRESENTAÇÃO DOS DADOS	15
DISCUSSÃO DOS RESULTADOS	18
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	20
BIBLIOGRAFIA.....	21
ANEXOS.....	22

APRESENTAÇÃO

A partir de algumas reflexões e baseada em algumas leituras a respeito do processo de ensino aprendizagem de língua estrangeira, o presente estudo tem como objetivo identificar as formas de avaliação usadas pelos professores de Língua Inglesa.

Para realizar essa pesquisa de caráter qualitativa, foi utilizado como instrumento um questionário aberto, no qual verificou-se que os professores de língua inglesa entrevistados usam todos os tipos de avaliação disponíveis, desde os mais adequados até os menos indicados pelos teóricos estudados nesse trabalho. Constatou-se ainda que a maioria utiliza os métodos da visão sociointeracionista.

QUADRO TEÓRICO

Para o PCN, a visão behaviorista focalizava, principalmente, o processo de ensino e o professor. Nessa concepção a mente do aluno é considerada como uma tábula rasa que tem que ser moldada na aprendizagem de uma nova língua.

O PCN aborda que:

“Na visão behaviorista, a aprendizagem de Língua Estrangeira é compreendida como um processo de adquirir novos hábitos lingüísticos no uso da língua estrangeira (...) Essa visão na sala de aula de Língua estrangeira resultou no uso de metodologias que enfatizavam exercícios de repetição e substituição.” (PCN., 1998:56)

Isso seria feito por meio da automatização, tratando-se de uma rotina que envolveria “estímulo”, fornecido pelo professor; “resposta” do aluno e o “reforço”, em que o professor avaliaria a resposta do aluno. Se fossem detectados erros nas produções do aluno, o motivo seria a inadequação dos procedimentos de ensino. Os erros teriam de ser imediatamente eliminados ou corrigidos para que não afetassem o processo de aprendizagem como um todo. O PCN afirma que: *É neste sentido que se costuma dizer que na visão behaviorista a aprendizagem era associada a uma pedagogia corretiva.* (PCN., 1998:56).

Segundo Lima, os behavioristas sentem que a aprendizagem é basicamente um processo de condicionamento e asseguram que a língua é um comportamento verbal condicionado que consiste nas ligações de estímulo-resposta a um estímulo que pode ser verbal ou interno.

Lima afirma que: *Esta concepção de aprendizagem é chamada mecanicista, porque a mente não desempenha qualquer papel no processo de condicionamento.* (LIMA, 1981:18).

Para que um indivíduo possa produzir uma resposta, ele precisa receber um reforço, que pode ser o mais variado possível. Se uma resposta foi produzida apenas por uma vez, mesmo sendo reforçada pelo professor, não produzirá aprendizagem, o que só acontecerá se for repetida mais vezes.

Lima diz que na visão behaviorista, o indivíduo só aprende produzindo uma resposta, a qual ele mesmo não aprende a produzir a língua apenas observando e ouvindo os outros usá-la, do mesmo modo que não aprende a língua quando seu uso é explicado por outrem, mas na prática, nada acontece de acordo com a rigorosidade behaviorista. Basta recordar que há exemplo de várias crianças que alfabetizaram-se sem o empenho de um professor, apenas observando o processo de alfabetização de outras crianças.

Segundo o PCN, se na visão behaviorista o foco era colocado no professor e no ensino, no sociointeracionismo, passa a ser colocada na interação entre o professor e o aluno e entre alunos.

Veja o que o PCN traz:

“O que subjaz a esta última visão é a compreensão de que a aprendizagem é de natureza sociointeracional, pois aprender é uma forma de estar no mundo social com alguém em um contexto histórico, cultural e institucional. Assim, os processos cognitivos são gerados por meio da interação entre um aluno e um participante de uma prática social, que é um parceiro mais competente, para resolver tarefas de construção de significado/conhecimento com os quais esses participantes se deparem” (...) (PCN., 1998:57, 58).

Dessa forma o processo de aprendizagem é mediado pela interação entre um participante mais fluente (que pode ser um professor em relação ao aluno ou um aluno em relação a um colega de turma), e um participante iniciante. Essa interação vai levar à construção de um conhecimento conjunto entre os participantes. Para que isso ocorra, o processo envolverá sucessos e dificuldades na compreensão. Então deverá haver negociação das diferentes perspectivas dos participantes e eles deverão controlar a interação até que seja compartilhado o conhecimento.

Ainda de acordo com o PCN, se no behaviorismo era usada uma rotina que envolveria “estímulo/resposta/reforço”, no sociointeracionismo, tradicionalmente, a

interação em sala de aula tem sido explicada por uma organização discursiva considerada típica: “iniciação/resposta/avaliação”.

Por todas as razões acima levantadas, acredita-se que a teoria behaviorista tenha se prestado mais a rotular os alunos como “incapazes” do que promover um real entendimento daquilo que, na verdade, dificulta a aprendizagem. Daí a ênfase dada à visão interacionista do desenvolvimento humano, pois ela não acredita numa rotulação estática dos alunos. Antes, procura apreendê-los dinamicamente, na sua relação com o mundo. Sobretudo, na visão interacionista, os conceitos de aptidão, prontidão e inteligência são encarados como construções contínuas do indivíduo em sua relação com o meio e é dessa forma que são avaliados os alunos, pois esta interação leva-os a construção do conhecimento, enquanto no behaviorismo era feita apenas para corrigir erro e era uma forma de punir seus alunos.

Desde a antigüidade até a primeira metade do século XX, a concepção de avaliação esteve sempre muito ligada à concepção de erro. Somente, a partir da década de 70 começou haver mudança na avaliação, deixou-se de julgar apenas o erro e iniciou-se o processo investigativo, ou seja, a avaliação subjetiva.

Avaliar não é tarefa simples ou rápida. Exige reflexão, discernimento, ponderação, estudo, preparação e programação.

Segundo o PCN, a avaliação é parte integrante e intrínseca ao processo educacional. Sua função é alimentar, sustentar e orientar a ação pedagógica e não apenas constatar um certo nível do aluno. Veja o que diz o PCN:

“Está implícito, também, que não se avaliam só os conteúdos conceituais, mas também os procedimentos e os atitudinais, indo além do que se manifesta, até a identificação das causas. A avaliação assim entendida oferece descrição e explicação; é um meio de se compreender o que se alcança e por quê. Torna-se, desse modo, uma atividade iluminadora e alimentadora do processo de ensino e aprendizagem...” (PCN, 1998:79)

O processo de ensino e aprendizagem só é iluminado e alimentado, quando existe a interação entre professor/aluno, aluno/aluno e aluno/conteúdo. O processo interativo é essencial para mediar o desenvolvimento de programas e currículos, uma

vez que dá retorno ao professor sobre como melhorar o ensino, possibilitando correções no percurso, e retorno ao aluno sobre seu próprio desempenho.

Ainda nessa perspectiva o PCN afirma que: (...) *as decisões a serem tomadas a respeito de conteúdo, métodos e objetivos necessitam de informações que vêm da avaliação, que deve ser, portanto, contínua e sistemática, oferecendo uma interpretação qualitativa do conhecimento construído.* (PCN, 1998:79)

A partir dessas considerações, os educadores de Língua Estrangeira devem ter em mente que “avaliação” não deve ser confundida com testes, ou provas, tão freqüentes na avaliação de uma língua estrangeira. Os testes ou provas, constituem meios de avaliar apenas um aspecto do processo de aprendizagem, o produto em relação ao desempenho e é também um instrumento de ameaça e intimidação, para mostrar apenas o que o aluno não sabe.

O PCN diz ainda que em se tratando de avaliação em Língua Estrangeira cabe discutir a avaliação “somativa” e a “formativa”.

A avaliação somativa é a que é feita ao final do processo de aprendizagem, geralmente por meio de um teste, sem permitir ajustes no ensino.

A avaliação formativa é feita durante o processo de aprendizagem, permitindo assim, redirecionar o percurso.

É necessário enfatizar que em uma avaliação formativa interativa, há procedimentos constantes envolvendo professor e alunos, (...) *não apenas nos critérios normativos, mas principalmente pessoais, que irão envolver, da parte do professor, uma reflexão sobre si mesmo (sua auto-avaliação) e sobre os alunos, e da parte dos alunos, uma auto avaliação e uma avaliação do professor.* (PCN, 1998:80).

Esse processo de interação professor/aluno, na avaliação, formativa, é muito importante, pois o educador sabendo que está sendo avaliado pelo educando refletirá melhor sobre como está transmitindo conhecimento e automaticamente saberá como o outro está recebendo o que lhe é transmitido. Com relação ao educando, ter a oportunidade de avaliar seu mestre fará com que sinta o peso da responsabilidade e repense suas ações em sala de aula.

Segundo o PCN, em se tratando de avaliação de Língua Estrangeira cabe discutir a dimensão afetiva, pois esta é de crucial importância no contexto específico que diz respeito a essa área, e que a aprendizagem de L. E. tem características que a distinguem da aprendizagem de outras disciplinas, tais como: *as diferenças entre a língua materna e a língua estrangeira, o dilema entre privilegiar-se o saber sobre a*

língua ou o saber usá-la e a escolha entre uma aprendizagem racional e uma aprendizagem intuitiva. (PCN., 1998:81).

Essas características devem ser consideradas tanto no trabalho pedagógico e no relacionamento professor/aluno, quanto na avaliação. Cabe ao professor acompanhar atentamente as reações dos alunos e refletir sobre elas, levando em conta os possíveis efeitos de aspectos decorrentes do domínio afetivo da aprendizagem, em vez de julgá-las apenas pelo desempenho em testes.

Um outro tipo de avaliação que o PCN traz é a avaliação contínua, na qual o principal instrumento é a “observação” e esta envolve diretamente o aluno. Nesta forma de avaliação o professor deve levar mais em conta as interações sociais do que a correção. Esse tipo de avaliação exige mais do professor do que os outros já citados, veja o que o PCN coloca: (...) *isso significa que o professor deve aconselhar, coordenar, dirigir, liderar, encorajar, animar, estimular, partilhar, aceitar, escutar, respeitar e compreender o aluno* (...). (PCN., 1998:82).

O avaliador precisa empenhar-se em regular as interações em sala de aula para corrigir rotas de percursos, utilizando várias técnicas sociais. Ele deve estar atento para que a outra língua não apresente-se ao aprendiz como estrangeira, isto é, estranha a ele. Mas sim, como a língua de outras pessoas, que, pouco a pouco, vai aprender a apreciar e dar sentido.

Segundo o PCN, existe uma pergunta que é relevante: *para quem é necessária a avaliação, a quem se destinam os resultados?* (PCN., 1998:80-81).

Pode-se dizer que os resultados avaliativos não interessam apenas à entidade “escola”, ou seja, ao professor e ao aluno, mas aos pais e especialmente à sociedade. O professor necessita da avaliação para acompanhar a evolução do processo de aprendizagem. O aluno precisa ter indicações imediatas e contínuas do resultado de sua atividade. Os pais precisam ter informações sobre o desenvolvimento do trabalho dos filhos e à sociedade, a quem o sistema deve uma satisfação sobre sua eficácia, deve interessar o acompanhamento do que acontece nas salas de aula.

Carlos Heitor Cony escreveu certa vez sobre determinadas atividades humanas que, mesmo após séculos de exercícios, continuam requerendo aprimoramento, o qual nunca poderá ser atingido totalmente, devido sua enorme complexidade. Entre elas, está a educação. Uma das facetas que talvez contenham o maior número de implicações, envolvendo a dimensão do ato de ensinar e seu caráter mais produtivo e diverso que é a “avaliação”.

Avaliar é tão difícil quanto ser justo, coerente e sensato. Sua ação implica em analisar, refletir e rever. Quem tem tempo para isso hoje em dia?

Veja o que o jornal *Aplicmt Newsletter* traz:

“Segundo Villas Boas (1996), nas Escolas de Ensino Fundamental e Médio predominam hoje, ainda, três tipos de avaliação: a avaliação informal, a avaliação punitiva e a avaliação classificatória. Essa tipologia encontra-se alicerçada no princípio disciplinar e autoritário vigente, em que o aluno é “grau zero” e o professor é “grau dez” (ORLANDI, 1988).

(Aplicmt, 2002:05)

A partir da citação acima, fica claro que a concepção de avaliação sempre esteve e ainda está ligada à concepção de erro. Desde a antiguidade, quando o conhecimento era algo a ser decifrado, até as teorias psicológicas da primeira metade do século XX, aprender significava assimilar repetir e corresponder a um conhecimento que se encontra fora do indivíduo. O ensino enclausura-se, assim, em si mesmo. É a educação retroativa que nos compele a questionar sobre o que ensinar (conteúdo), como ensinar (métodos e técnicas), mas não muito freqüentemente sobre porque ensinar o que ensinamos, ou: para quê serve o que fazemos? A serviço de quem estamos? A quem beneficiamos? A quem excluimos e discriminamos? Refletir sobre essas e outras perguntas é refletir sobre avaliação.

DADOS E PROCEDIMENTOS

Para esta análise estarei utilizando a pesquisa qualitativa. Esta pesquisa está constituída de um questionário aberto, contendo seis perguntas, sendo duas sobre a formação profissional do professor e quatro específicas sobre formas de avaliação de progresso dos alunos, este foi aplicado a cinco professores de Língua estrangeira (Inglês) de escolas públicas e privadas de Pontes e Lacerda – MT. O mesmo encontra-se em anexo.

APRESENTAÇÃO DOS DADOS

Vejamos a seguir a posição dos professores em relação a cada uma das seis questões da pesquisa:

A primeira e a segunda perguntas são de ordem pessoal, visam saber qual é a formação profissional dos entrevistados e há quanto tempo eles trabalham com a Língua Inglesa.

Todos responderam que são graduados em Letras, com habilitação em Língua Portuguesa e Inglesa e suas respectivas Literaturas e o professor 2 tem Especialização em “O Ensino de Língua Inglesa”. Com relação ao tempo que trabalham com Língua Inglesa está entre três e dez anos.

As quatro últimas perguntas são específicas sobre formas de avaliação no processo de Ensino/aprendizagem em Língua Inglesa.

Quanto à terceira pergunta: Qual é o processo que você utiliza para avaliar seus alunos?

Os professores 2, 4 e 5 responderam que utilizam a avaliação contínua, dois deles acrescentaram ainda: o professor 5 escreveu que além da avaliação contínua usa também a processual com exercícios quantitativos. O professor 2 que utiliza também a avaliação integrada, através da observação, que leva em conta as interações sociais desenvolvidas. O professor 1 respondeu que avalia seus alunos através de provas escritas e participação nas atividades propostas dentro ou fora de sala. O professor 3 que avalia seus alunos através da participação em classe, avaliações orais, trabalhos e pesquisas, expressão oral e diálogos e dramatizações.

A quarta pergunta é: você tem conhecimento das três diferentes concepções de avaliação: somativa, formativa e contínua? Você utiliza alguma delas/ Qual e como?

Os professores 1 e 3 responderam que não têm conhecimento de nenhuma. O professor 3 respondeu que na verdade não existe um meio de avaliar, uma vez que o

professor pode lançar mão de todas ou de alguma avaliação, dependendo do que se espera do aluno naquele conteúdo, usa mais a avaliação formativa e contínua. O professor 4 respondeu que conhece e utiliza a avaliação contínua, onde o aluno é avaliado gradativamente, no seu desenvolvimento diário. O professor 5 também respondeu que conhece e utiliza a avaliação contínua, ele diz que avaliação deve deixar de ser pontual, restrita a momentos de prova, o que deve ser levado em conta no processo é o interesse, a participação e o empenho do aluno.

A quinta questão é: Qual a sua opinião sobre a auto-avaliação do aluno e a avaliação do professor realizada pelo aluno? Você pratica essas formas de avaliação?

Todos responderam que é de suma importância esses dois tipos de avaliação, pois assim educadores e educandos podem rever sua prática no processo de ensino e aprendizagem. Os professores 1 e 3 responderam que praticam essas formas de avaliação, sendo que o professor 1 diz que sempre o aluno é capaz de avaliar-se e avaliar o professor, o professor 2 respondeu que pratica na medida do possível e os professor 4 e 5 não responderam.

A sexta questão é: Na sua opinião, qual é o objetivo da avaliação? Para quem ela é feita?

O professor 1 respondeu que deveria servir apenas como indicador de dificuldades e não como medidor de conhecimento/capacidade, mas não é. Ele diz que a avaliação é feita para cumprir uma exigência institucional (a escola). O professor 2 respondeu que o objetivo da avaliação é orientar a prática pedagógica e ela é feita para o professor, para o aluno para os pais e para a sociedade. O professor 3 respondeu que o objetivo da avaliação é investigar se realmente o sujeito alcançou o objetivo que desejava. É buscar informações não apenas referentes ao tipo de conhecimento que o sujeito construiu, mas também sobre o que aprendeu, como aprendeu e o que deixou de aprender, não respondeu a outra pergunta. O professor 4 respondeu que o objetivo da avaliação é observar como anda o desenvolvimento do indivíduo que está sendo avaliado e que a avaliação deve ser aplicado a todos que estão envolvidos no processo de ensino-aprendizagem. O professor 5 respondeu que a avaliação deve ser usada como subsídio para revisão do processo e não como controle de produtos, podendo assim o

professor verificar em que medidas as suas práticas de ensino devem ser revistas. Não respondeu a outra pergunta.

DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

Quanto às questões 1 e 2, de ordem pessoal, abordam a formação do professor e o tempo que ensina inglês, pode se verificar que os 5 (cinco) professores entrevistados têm nível superior (Letras) e um especializou-se na área de Língua Inglesa. Quanto ao tempo que ensinam inglês, varia de 3 (três) a 10 (dez) anos.

Em relação às questões 3, 4, 5 e 6 que tratam especificamente de avaliação em Língua Inglesa, que é o tema da pesquisa, percebe-se que há divisão nas respostas dos entrevistados. Os professores 2, 4 e 5 demonstram conhecer bastante a visão sociointeracionista, percebe-se isso quando dizem que avaliam seus alunos de forma contínua, a qual vimos no quadro teórico que é muito importante, pois seu principal instrumento é a observação, envolvendo diretamente o aluno. Esse tipo de avaliação exige mais do professor, assim o avaliador precisa se empenhar em regular as interações em sala de aula para corrigir rotas de percursos.

Nota-se que além da avaliação contínua, os entrevistados usam também a auto-avaliação do aluno e a avaliação do professor feita pelo aluno, essa liberdade que o aluno tem é a interação entre professor/aluno, e isso, segundo alguns teóricos é de suma importância para o ensino/ aprendizagem de Língua Estrangeira.

Nessa pesquisa constatou-se que a maioria dos entrevistados, 3 (três) dos 5 (cinco), deixaram de usar velhos modelos de avaliação, tipo provas e testes gramaticais, pois estes servem apenas para constatar erros e são também instrumento de ameaça e intimidação, para mostrar apenas o que o aluno não sabe, conforme o PCN de Língua Estrangeira.

O professor 3 mescla suas avaliações usando modelos novos e velhos de avaliação, por exemplo ele diz que avalia a participação dos alunos em sala de aula, também usa a auto-avaliação do aluno e a avaliação do professor feita pelo aluno, os quais são modelos novos de avaliação, que estão dentro da visão sociointeracionista. Isso mostra que este educador está tentando mudar, mas ainda não conseguiu desvencilhar-se totalmente dos velhos métodos, pois pratica avaliações orais, que é uma tortura para os alunos, além de trabalhos e pesquisas, as quais não ajudarão em nada para a aprendizagem do mesmo.

O professor 1 é graduado em Letras, tem 6 (seis) anos que ensina Inglês, mas não consegue deixar os velhos métodos de avaliação, como pode-se ver no questionário respondido por ele, no qual diz que avalia seus alunos através de provas escritas e participação nas atividades propostas dentro ou fora de sala. A prova escrita é uma maneira de detectar erros, e as atividades propostas dentro ou fora da sala de aula, são apenas uma forma de estímulo/resposta, a qual, vimos no quadro teórico, é o foco da visão Behaviorista.

Em relação à pergunta 4, ele responde que não tem conhecimento de nenhuma das três avaliações citadas, nota-se então que há um grande desinteresse tanto da entidade a qual esse professor faz parte, quanto do próprio professor de ir buscar leituras que contribuam para o seu crescimento.

Quanto à questão 5, que é a opinião do professor 1, sobre a auto-avaliação do aluno e a avaliação do professor feita pelo aluno, a resposta dele foi a seguinte: *O aluno, na maioria das vezes é capaz de avaliar-se adequadamente, tanto quanto é possível avaliar o professor, apresentando critérios críticos que nos levam à reflexão* Percebe-se que esse professor até pratica esses tipos de avaliação, mas não acredita na capacidade de seus alunos, sendo assim conclui-se que não há interação entre professor/aluno, o que há na verdade é um professor que está querendo inovar, mas sem conhecimento profundo do que está fazendo, faz porque segue exemplos de colegas. O professor não pode mudar de método só porque seu colega faz diferente e está dando certo, ele precisa buscar conhecimento, ou seja, leituras e cursos que amparem-no, e essa mudança não pode ser imediata, ela tem que ser lenta e gradativa para se chegar a um resultado positivo, como vimos no quadro teórico: avaliar não é tarefa simples ou rápida. Exige reflexão, discernimento, ponderação, estudo, preparação e programação.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Após ter realizado esses estudos e analisado as respostas dos entrevistados, foi possível chegar a algumas conclusões.

Verificou-se que os professores entrevistados utilizam diferentes formas de avaliação, sendo que a maioria, ou seja 3 (três), usam modelos novos de avaliação, os quais são muito comentados pelos estudiosos da visão sociointeracionista, como por exemplo a avaliação contínua, a auto-avaliação do aluno e a avaliação do professor feita pelos alunos. Acrescentam-se ainda que essas formas de avaliação são de suma importância para o ensino-aprendizagem de língua inglesa. Os outros 2 (dois) utilizam formas mais antigas de avaliar, por exemplo, provas escritas e orais e algumas formas que para os estudiosos são formas de avaliação da Visão Behaviorista, mas os mesmos estão começando mudar, pois já utilizam algumas vezes a auto-avaliação e a avaliação do professor feita pelo aluno.

Partindo da idéia de que os professores de língua estrangeira (inglesa) conduzem o processo de avaliação de acordo com o método utilizado para ensinar, os quais vão diferenciar a partir da concepção de cada um e do contexto social de aprendizado, faz-se necessário que os governantes invistam em cursos preparatórios para os professores. Embora não possam esperar apenas pelos governantes, precisam ir em busca de leituras para melhorar sua prática e sala de aula.

Reconheço que o tema estudado é abrangente e certamente deveria ser mais explorado. Porém o tempo e a falta de material para a pesquisa impediram-me de aprofundar mais e levar este estudo adiante.

Embora não tenha sido possível uma reflexão maior neste trabalho, não me eximi de procurar investigar o objeto de forma mais científica possível.

BIBLIOGRAFIA

ALMEIDA FILHO, José Carlos e P. de. *Dimensões comunicativas no ensino de línguas*. Campinas, SP: Pontes, 1998.

LIMA, Enny Marins de. *Teoria transformacional ensino de línguas*. Rio de Janeiro: Ao Livro Técnico S/A, 1981.

Mato Grosso. Secretaria de Estado de Educação. Escola ciclada de Mato Grosso: novos tempos e espaços para ensinar – aprender a sentir, ser e fazer. Cuiabá: Seduc. 2000.

OLIVEIRA, Ana Larissa Adorno M. *Aplicent Newsletter. O Drama da Avaliação; Histórico e Concepções sobre Avaliação; Avaliação e Ensino por Competências na Área de Linguagens*. Cuiabá, n.5, Ano II, Abril 2002.

OLIVEIRA, Vilma Sampaio de. In: *Evolution in the Learning Process*. Natal-RN: Editora Universitária/UFRN, 1993.

PAIVA, Vera Lúcia Menezes de Oliveira. In: *Ensino de Língua Inglesa – Reflexões e experiências*. Campinas, SP: Pontes, 1996.

Parâmetros Curriculares Nacionais de Língua Estrangeira para o Ensino Fundamental. Brasília: MEC/SEF, 1998.

ANEXOS

QUESTIONÁRIO PROPOSITADO À PESQUISA SOBRE AVALIAÇÃO DE LÍNGUA
INGLESA DO ENSINO FUNDAMENTAL

1. Qual a sua formação?

Graduado em Letras (Língua Inglesa, Portuguesa e as respectivas literaturas)

2. Há quanto tempo ensina Inglês?

5 ou 6 anos

3. Qual é o processo que você utiliza para avaliar seus alunos?

Provas escritas e participação nas atividades propostas dentro ou fora de sala.

4. Você tem conhecimento das três diferentes concepções de avaliação: somativa, formativa e contínua? Você utiliza alguma delas? Qual e como?

não. Nenhuma.

5. Qual é a sua opinião sobre a auto-avaliação do aluno e a avaliação do professor realizada pelo aluno? Você pratica essas formas de avaliação?

O aluno, na maioria das vezes é capaz de avaliar-se adequadamente, tanto quanto é possível avaliar o professor, apresentando critérios críticos que nos levam à reflexão. Sim.

6. Na sua opinião, qual é o objetivo da avaliação? Para quem ela é feita?

Deveria servir apenas como indicador de dificuldades e não como medidor de conhecimento / capacidade, mas não é. No meu caso ela é feita para cumprir uma exigência institucional (a escola)

QUESTIONÁRIO PROPOSITADO À PESQUISA SOBRE AVALIAÇÃO DE LÍNGUA
INGLESA DO ENSINO FUNDAMENTAL

1. Qual a sua formação?

Letras - Especialização em O Ensino de
Língua Inglesa

2. Há quanto tempo ensina Inglês?

10 anos

3. Qual é o processo que você utiliza para avaliar seus alunos? Avaliação integrada e
avaliação contínua, através da observação que
leva em conta as interações sociais desenvolvidas

4. Você tem conhecimento das três diferentes concepções de avaliação: somativa, formativa
e contínua? Você utiliza alguma delas? Qual e como?

Sim. Na verdade não existe um meio de
avaliar, uma vez que o professor pode lançar
mão de todas ou alguma dependendo do que se
espera do aluno naquele conteúdo. Uso mais a
avaliação formativa e contínua.

5. Qual é a sua opinião sobre a auto-avaliação do aluno e a avaliação do professor realizada
pelo aluno? Você pratica essas formas de avaliação?

É muito importante uma vez que professor e
aluno podem rever sua prática no processo
ensino e aprendizagem e fazer ajustes quando e onde
necessários, além de refletirem sobre seus próprios trabalhos.

6. Na sua opinião, qual é o objetivo da avaliação? Para quem ela é feita?

O objetivo da avaliação é orientar a
prática pedagógica. É feita para o professor,
para o aluno, para os pais e para a sociedade

Pratico na medida do possível.

QUESTIONÁRIO PROPOSITADO À PESQUISA SOBRE AVALIAÇÃO DE LÍNGUA
INGLESA DO ENSINO FUNDAMENTAL

1. Qual a sua formação?

A minha formação é 3º grau (curso de Letras -
Licenciatura plena com habilitação em Língua
Portuguesa e Literatura, Língua Inglesa e Literaturas)

2. Há quanto tempo ensina Inglês?

Há 3 anos que ensino Inglês

3. Qual é o processo que você utiliza para avaliar seus alunos?

Avalio os meus alunos através da participação
em classe, avaliações orais, trabalhos e pesquisas,
expressões orais e diálogos e dramatizações

4. Você tem conhecimento das três diferentes concepções de avaliação: somativa, formativa
e contínua? Você utiliza alguma delas? Qual e como?

Não tenho conhecimento.

5. Qual é a sua opinião sobre a auto-avaliação do aluno e a avaliação do professor realizada
pelo aluno? Você pratica essas formas de avaliação?

Ambas avaliações são de suma importância,
porque através delas, nós educadores e educandos
detectaremos as falhas procurando solucioná-las.

6. Na sua opinião, qual é o objetivo da avaliação? Para quem ela é feita?

O objetivo da avaliação é investigar se real-
mente o sujeito alcançou o objetivo que dese-
java. É buscar informações não apenas referen-
tes ao tipo de conhecimento que o sujeito construiu,
mas também saber o que aprendeu, como
aprendeu e o que deixaram de aprender.

QUESTIONÁRIO PROPOSITADO À PESQUISA SOBRE AVALIAÇÃO DE LÍNGUA
INGLESA DO ENSINO FUNDAMENTAL

1. Qual a sua formação?

Letras com habilitação em inglês.

2. Há quanto tempo ensina Inglês?

Há cinco anos.

3. Qual é o processo que você utiliza para avaliar seus alunos?

A avaliação contínua.

4. Você tem conhecimento das três diferentes concepções de avaliação: somativa, formativa e contínua? Você utiliza alguma delas? Qual e como?

Sim, a contínua, onde o aluno é avaliado gradativamente, ou seja, no seu desenvolvimento diário.

5. Qual é a sua opinião sobre a auto-avaliação do aluno e a avaliação do professor realizada pelo aluno? Você pratica essas formas de avaliação?

A auto-avaliação é ótima tanto para o professor quanto para o aluno como forma de reflexão do que foi feito durante o dia. Já a avaliação do professor realizada pelo aluno é importantíssima porque assim o professor

6. Na sua opinião, qual é o objetivo da avaliação? Para quem ela é feita?

Observar como anda o desenvolvimento do indivíduo que está sendo avaliado. A avaliação deve ser aplicada a todos que estão envolvidos no processo de ~~avaliação~~ ensino-aprendizagem.

5

QUESTIONÁRIO PROPOSITADO À PESQUISA SOBRE AVALIAÇÃO DE LÍNGUA INGLESA DO ENSINO FUNDAMENTAL

1. Qual a sua formação?

HABILITAÇÃO EM LETRAS.

2. Há quanto tempo ensina Inglês?

4 ANOS

3. Qual é o processo que você utiliza para avaliar seus alunos?

AValiação PROCESSUAL E CONTÍNUA com
EXERCÍCIOS QUANTITATIVOS QDO NECESSÁRIO.

4. Você tem conhecimento das três diferentes concepções de avaliação: somativa, formativa e contínua? Você utiliza alguma delas? Qual e como?

CONTÍNUA.

A AVALIAÇÃO DEVE DEIXAR DE SER PONTUAL, RESTRITA A MOMENTOS DE PROVA, DEVENDO SER CONTÍNUA E CUMULATIVA LEVANDO EM CONTA NO PROCESSO O INTERESSE, A PARTICIPAÇÃO E O EMPENHO EM REALIZAR TAREFAS.

5. Qual é a sua opinião sobre a auto-avaliação do aluno e a avaliação do professor realizada pelo aluno? Você pratica essas formas de avaliação?

É DE SUMA IMPORTÂNCIA ESSA AVALIAÇÃO TANTO PARA O ALUNO PARA JUSTIFICAR A SUA RESPONSABILIDADE COM O PROCESSO ENSINO/APRENDIZAGEM, QUANTO PARA O PROFESSOR COMO MEDIADOR DESSE PROCESSO.

6. Na sua opinião, qual é o objetivo da avaliação? Para quem ela é feita?

ACREDITO QUE A AVALIAÇÃO DEVE SER USADA COMO SUSSÍDIO PARA REVISAR O PROCESSO E NAT COMO CONTROLE DE PRODUTOS, PODENDO ASSIM O PROFESSOR VERIFICAR EM QUE MEDIAS AS SUAS PRÁTICAS DE ENSINO DEVEM SER REVISADAS.